P 140 C 12 T

Grupo Temma:
Johanna W. Smit (coordenação)
Anna Maria Marques Cintra
Eunides A. do Vale
Isabel M.R. Ferin Cunha
Maria de Fátima G.M. Tálamo
Nair Yumiko Kobashi
Regina Keiko Obata F. Amaro

Análise documentária:

a análise da síntese

Brasília
1987

MCT
Ministério da Ciência e Tecnologia
CNPq
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
IBICT
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Presidente da República

José Sarney

Ministro da Ciência e Tecnologia

Renato Archer

Secretário-geral

Luciano Coutinho

Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Crodowaldo Pavan

Vice-presidente

José Duarte de Araújo

Diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Antônio Agenor Briquet de Lemos

Vice-diretora

Vania Maria Rodrigues Hermes de Araújo

Indicadores de função:

(1) matéria-prima
(2) produto

As linguagens de indexação envolvem problemas gerais e específicos. Os primeiros enunciam-se como: conhecimento da área, interdisciplinaridade e ideologia; os segundos como: elaboração e adaptação - questões que serão abordadas nos capítulos posteriores.

BIBLIOGRAFIA

AITCHISON, J. & GILCHRIST, A. (1979). *Manual para construção de tesauros*. Rio de Janeiro, BNG/Brasilart.

BARBOSA, Alice Príncipe (1972). Classificação facetada. *Ciência da Informação*. Rio de Janeiro, *1* (2):73-81.

CURSO sobre lenguajes de indización de tesauros (1981), por el Grupo de Trabajo sobre Lenguajes de Indización. Paris, UNESCO. (Basado em el Seminario Regional sobre Lenguajes de Indización, Buenos Aires, UNESCO/CAICYT, 1978).

FOSKETT, A.C. (1973). *A Abordagem temática da informação*. São Paulo, Ed. UnB/Polígono.

VICKERY, B.C. (1980). *Classificação e indexação nas ciências*. Rio de Janeiro, BNG/Brasilart.

VIET, Jean (1971). *Thesaurus pour le traitement de l'information en Sociologie*. Paris, Mouton.

2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM DOCUMENTAÇÃO

Anna Maria Marques Cintra

2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM DOCUMENTAÇÃO

Anna Maria Marques Cintra

Tomando a leitura como processo interativo leitor/texto, Kato (1985) aponta três fatores básicos que atuam como suporte para a legibilidade: a qualidade do texto, o conhecimento prévio do leitor e o tipo de estratégias que o texto exige.

Para a qualidade do texto concorrem vários fatores tais como: a manutenção do tema, a correção gramatical, a adequação lexical, a estruturação do texto.

Na sua prática profissional o bibliotecário depara-se com textos de diversos níveis. Em se tratando de bibliotecas especializadas, é provável que, na medida em que a especialidade evolua, haja um aprimoramento natural na construção dos textos, por exigência dos próprios cientistas. Se o texto, por exemplo, segue padrões canônicos em sua estrutura e apresenta-se bem redigido, a leitura pode não só ser facilitada, como também aumentar a probabilidade do trabalho documental ganhar em precisão. Entretanto, a qualidade do texto não depende do bibliotecário.

Ao contrário, o conhecimento prévio e as estratégias de leitura estão, de alguma forma, vinculados a habilidades do profissional da documentação e é nesses aspectos que delimitamos nosso trabalho.

Numa visão mais global do processo, dizemos que todo texto é produzido para determinados receptores e que a sua eficácia depende, em boa parte, da capacidade do autor em estabelecer com seus leitores potenciais uma relação cooperativa (GRICE, 1967).

Na leitura para fins documentários, entretanto, o princípio de cooperação autor/leitor é rompido, já que, normalmente, o autor

não previu o documentalista como leitor. Neste caso, à complexidade natural do processo tem de ser acrescido esse fator.

Ainda no âmbito do mais global, descartamos a possibilidade de uma codificação "neutra", tendo em vista qualquer objetivo de leitura, mesmo que seja uma análise documentária. Sendo a linguagem intrinsecamente comprometida com o cultural e o ideológico, tanto o processo de produção do texto, quanto o de recepção não se isentam destes componentes. E é esse comprometimento que garante o caráter interativo da leitura.

Ao considerar conhecimento prévio e tipo de estratégias que o texto exige como fatores de legibilidade num processo interativo, estamos reconhecendo que toda leitura envolve mais que o conjunto de sinais visuais que compõem o texto. Na verdade estamos admitindo também, como básicos, aspectos cognitivos relacionados com conhecimentos armazenados na memória do leitor e comportamentos específicos durante a leitura.

A noção de conhecimento prévio vincula-se à teoria dos "esquemas" que vem se desenvolvendo com maior ênfase a partir de fins da década de 70, graças a estudos desenvolvidos na área da cognição. Esses estudos têm assumido diferentes feições (MARCUSCHI, 1985 e MEURER, 1985), dentre as quais coloca-se a de Van Dijk (1980), para quem "esquemas" são unidades que organizam seqüências de eventos. Para Kato (1983), que adota posição semelhante à de Rumelhart (1980, p. 26), "um Esquema é uma teoria prototípica do significado, porque corresponde ao significado de um conceito codificado em termos de situações ou eventos típicos, ou normais, que instanciam esse conceito".

Neste trabalho entendemos por "esquema" algo mais próximo a essa última concepção, uma vez que a prática profissional do bibliotecário não exige que ele estoque na memória apenas seqüências de eventos como ocorre, freqüentemente, com os relatos da vida diária. O bibliotecário deve lançar mão de conhecimentos armaze-

nados em sua memória os quais constituem uma espécie de quadro de referência, formado por uma rede multidimensional de unidades conceituais, a partir da qual o *input* visual é avaliado.

Essa concepção de "esquema" permite dizer que o leitor trabalha tanto com um quadro de referência composto de entidades lingüísticas, quanto conceituais e dele depende para a compreensão do texto, para a construção de novos conhecimentos e para o trabalho operacional com o texto. Até mesmo as situações do dia-a-dia recebem respostas analógicas ou automáticas em função de "esquemas" armazenados em nossa memória, através de uma organização ativa das reações do nosso passado (MEURER, 1985).

No trabalho de leitura, entendemos ser indispensável considerar como entidades lingüísticas estocadas, não apenas o nível da palavra, de blocos significativos e de frases, como também de "esquemas" formais de organização textual. Sabemos que também na leitura para fins documentários, o leitor não lê letra por letra, palavra por palavra e até mesmo não lê, freqüentemente, todas as palavras do texto, quando as seqüências são previsíveis (CINTRA, 1983). Sobrepondo ao texto conhecimentos prévios de vários níveis, o leitor avança na compreensão e imprime maior velocidade à leitura.

Por outro lado, todo texto se constrói segundo alguns princípios tipológicos. Os constituintes básicos de um determinado tipo de texto definem a sua superestrutura.

Pesquisas têm demonstrado que leitores com conhecimento prévio específico sobre superestruturas textuais executam a tarefa de ler de forma mais fácil que leitores que não "vêem" essa superestrutura e por isso são obrigados a um maior apoio na leitura palavra por palavra, dificultando a integração das informações no texto como um todo (MEURER, 1985).

O leitor que domina as superestruturas textuais, capta com mais facilidade as idéias centrais do texto, pois tem como parâmetro a identificação dos constituintes básicos. Assim, num texto dissertativo argumentativo, por exemplo, o leitor faz predições que vão sendo testadas sobre a introdução, a tese, os argumentos, a conclusão, ordenando as idéias centrais e descartando as idéias secundárias.

A necessidade eventual de leitura palavra por palavra permite aos especialistas dizer que os "esquemas" do leitor são ativados por dois movimentos complementares: o movimento *botton-up*, segundo o qual o leitor vai lendo na dependência estrita do contexto, ou seja, vai extraindo, linearmente, dos símbolos impressos o significado, caminhando assim das partes para o todo o movimento *top-down*, no qual há maior dependência de conhecimento prévios do leitor, pois ele vai fazendo generalizações e predições a partir de "esquemas" que tem armazenados em sua memória. Ao caminhar do todo para as partes, vai confirmando ou não suas hipóteses sobre o texto.

Em especial o segundo movimento dá conta de um aspecto de importância fundamental: a capacidade de predição do leitor que corresponde à formulação de hipóteses decisivas para a compreensão, além de fortalecer a própria organização do conhecimento individual.

Estudos atuais sobre leitura consideram a predição como componente essencial do processo de ler e tomam os vários comportamentos hipotetizados pelo leitor, enquanto lê, como estratégias de leitura, ou seja, ações mentais que o levam a atingir seus objetivos.

Na leitura, então, o leitor toma o texto como suporte para predições, extraindo dele mais do que está expresso linguisticamente, graças a ações mentais estruturadas, ou estratégias de

leitura.

O fenômeno da inferência, por exemplo, que corresponde à apreensão de informações não explícitas no texto, depende, basicamente, de "esquemas" estocados na mente do leitor, a ponto de ser, praticamente, impossível reproduzir literalmente as informações impressas, sem a interferência dos "esquemas" mentais nos conteúdos inferenciais (MEURER, 1985).

A seleção de estratégias durante a leitura, além dos "esquemas" prévios do leitor, depende de outros fatores: da finalidade da leitura, da experiência do leitor, ou da sua maturidade frente à tarefa de ler, do tipo de texto lido, da atenção mais concentrada em partes do texto, do grau de novidade do texto e até mesmo da motivação para ler.

No processo de leitura pode-se distinguir dois grupos de estratégias: as cognitivas que compreendem comportamentos automáticos e inconscientes e as metacognitivas que supõem comportamentos desautomatizados, na medida em que o leitor tem consciência de como está lendo.

Ainda que toda leitura envolva esses dois tipos de estratégias, é provável que quanto menos atividades metacognitivas exigir, mais legível será o texto. Entretanto, é também provável que a leitura apenas automática conduz à incompreensão. Desta forma, admite Kato (1985, p. 64) que "a legibilidade pode ser igualmente uma função do equilíbrio entre a natureza parcialmente prototípica e não prototípica do *input* : a primeira que favorece a assimilação e a segunda que motiva o interesse. Em outras palavras, o texto legível é aquele que exige uma aplicação equilibrada de estratégias cognitivas e metacognitivas".

As estratégias cognitivas compreendem processamentos automáticos e inconscientes de interpretação de palavras e frases, de corres-

pondência entre a ordem linear do texto e a ordem temporal dos eventos, de interpretação de vários sintagmas do texto como sendo correferenciais. Kato (1984) salienta que essa última tendência é explicada pelo princípio da parcimônia de Fillmore e Kay (1981, pp. 104-105), "segundo o qual o leitor tende a reduzir os personagens do cenário mental que se forma a partir do texto".

Assim o leitor, automaticamente busca as informações principais procedendo a uma espécie de descarte do que é secundário.

Kato ainda considera outros dois princípios como explicativos das estratégias cognitivas: o princípio da canonicidade e o princípio da coerência. O princípio da canonicidade atua a nível sintático e semântico, na medida em que o leitor decodifica automaticamente, por exemplo, a ordem natural sujeito/verbo/predicado, a oração principal antes da subordinada (plano sintático); o animado antes do inanimado, o agente antes do paciente, a causa antes do efeito, a tese antes da antítese (plano semântico).

Ao nível textual também atua cognitivamente o princípio da canonicidade, uma vez que o leitor espera encontrar sentenças tópico nos parágrafos e constituintes básicos de superestrutura textuais.

O outro princípio é o da coerência do texto. O leitor espera um texto coerente em todos os níveis. Ao iniciar a leitura, até mesmo pela percepção primeira do texto, cria expectativas de coerência global e temática. A coerência local é algo esperado passo a passo na leitura do texto.

As estratégias cognitivas ficam, então, como expectativas inconscientes, como atividades realizadas automaticamente em função de "esquemas" prévios armazenados na memória de longo termo do leitor. No caso de qualquer insucesso o leitor dispõe de mecanismos ou estratégias de superação que aplicadas, conscientemente, podem levar à compreensão.

Com base nas estratégias elencadas por Brown (1980), dizemos que o leitor experiente se caracteriza por uma prontidão para:

- monitorar, enquanto lê, a finalidade e a compreensão da leitura;
- identificar as partes mais importantes do texto;
- concentrar mais atenção sobre conteúdos principais, basicamente sobre o tema;
- fazer a segmentação do texto, identificando as macro-proposições semânticas, isto é, as seqüências que contêm as informações principais;
- proceder a ações corretivas, quando são detectadas falhas no processo.

Concluindo dizemos que, na leitura para fins documentários, os textos são desautentificados, na medida em que são deslocados de seus contextos naturais e mesmo assim os dois fatores ativos que determinam a legibilidade têm, nessa tarefa, papel preponderante.

Enquanto o conhecimento prévio viabiliza, por força de "esquemas", uma leitura mais rápida, as estratégias, especialmente as metacognitivas, conduzem à eficácia da tarefa.

Embora as estratégias cognitivas tenham nesse tipo de leitura papel tão fundamental quanto em outro qualquer, pois comandam a compreensão ortográfica, sintática e semântica do texto, entendemos que deva haver um trabalho específico para a passagem de estratégias cognitivas para metacognitivas, especialmente a nível de texto. Julgamos que o domínio consciente de algumas etapas permite identificar "fatias" ou segmentos significativos do texto, estabelecer relações de sentido e referência entre certos segmentos, manter a coerência entre as macro-proposições semânticas do texto, o que permite avaliar a consistência das informações, inferir até mesmo o significado e o efeito pretendido pelo autor.

BIBLIOGRAFIA

BROWN, A.L. (1980). Metacognitive development and reading. In: SPIRO et al. (org.). *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associated Publishers, pp. 453-482.

CINTRA, A.M.M. (1983). Elementos de lingüística para estudos de indexação. *Ciência da Informação*, Brasília, *12*(1):15-22.

FILLMORE, C. & KAY, B. (1981). Three properties of the ideal reader (xerox), apud KATO, M.A. Estratégias cognitivas e metacognitivas na aquisição da leitura. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, Londrina, 1984. *Anais*, pp. 102-115.

GRICE, H.P. (1967). Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas, 1982, pp. 81-103 (Pragmática, 4).

KATO, M.A. (1983). Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos. *Lingüística*. São Paulo, EDUC, pp. 9-33 (Cadernos PUC, 16).

_____. (1984). Estratégias cognitivas e metacognitivas na aquisição da leitura. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, Londrina, 1984. *Anais*, pp. 102-115.

_____. (1985). Uma visão interativa da legibilidade. *Ilha do Desterro*, (13):57-66.

MARCUSCHI, L.A. (1985). Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo. *Leitura: Teoria & Prática*, Porto Alegre, *4*(5):3-16 jun.

MEURER, L. (1985). Schemata in reading comprehension. *Ilha do Desterro*, (13):31-46.

RUMELHART, D.E. (1980). Schemata: the building blocks of cognition. In: SPIRO et al. (ed.). *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates Publisher, pp. 35-58.

VAN DIJK, T.A. Textwissenschaft, apud MARCUSCHI, L.A. (1985). Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo. *Leitura: Teoria & Prática*, Porto Alegre, *4*(5):3-16, jun.